

CONCEIÇÃO EVARISTO E AFROBRASILIDADE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Ioranna Silva de Sousa ¹
Fernando dos Santos Carmo ²

RESUMO

O presente trabalho consiste em apresentar uma crítica aos moldes da educação básica brasileira, referente à educação antirracista na escola. Para propor nossa reflexão, tomamos como apoio os livros *Como ser um educador antirracista* (2023), de Bárbara Carine, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2021), da Conceição Evaristo e *Literatura afro-brasileira: abordagens na aula de aula* (2014), coordenado por Eduardo de Assis Duarte. A pesquisa ora apresentada possui caráter bibliográfico e uma análise exegética das obras acima citadas. Assim, na publicação da Conceição Evaristo, há o resgate do caráter da ancestralidade, exaltação de personagens femininas, exposição às lutas diárias do povo negro, refletindo questões sociais a fim de trazer um futuro ancestral esperançoso. Recordando seu povo e a sua devida importância, esse resgate dá voz às escrevências. Em vista disso, sob uma perspectiva do âmbito educacional, é necessária a participação ativa dos alunos em relatar episódios vividos alusivos ao racismo, e expor através da escrevivência o que foi presenciado, assim identificando problemáticas racistas e procurando caminhos para uma educação que seja antirracista. Da mesma forma é extremamente necessário desmistificar algumas falsas ideologias que estão presentes no âmbito educacional, tal como a “democracia racial”. Com base nisso, é de suma importância apresentar modelos de intelectuais negros, como escritores, cientistas, professores etc, para que os estudantes reflitam sobre a pluralidade cultural para além do eurocentrismo e afrocentralizar o ensino, tendo em vista que há uma gama de conhecimento cultural oriundo do continente africano.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, ensino antirracista, decolonialidade, afrocentralizar.

INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo é uma escritora mineira que publicou diversas obras literárias, sempre trabalhando com ancestralidade, questões raciais e um singelo cuidado e preocupação com as vivências, ou melhor, *escrevivências*, que são retratadas em suas obras. Mediante a *escrevivência* formulada pela autora, nossa proposta é expor como trabalhar com esse conceito em sala de aula, para isso uma de nossas referências foi o livro *Literatura afro-brasileira: abordagens na aula de aula*, (2014), coordenado por Eduardo de Assis Duarte, professor e escritor mineiro, no qual propõe aos docentes das mais variadas disciplinas formas práticas de como trabalhar com afro-brasilidade desde o fundamental ao ensino médio. Iremos utilizar o plano de aula de introdução à poesia

¹ Graduanda do Curso de Letras-pt, da Universidade Estadual do Ceará, CE, ioranna.silva@aluno.uece.br.

² Graduando do Curso de Filosofia, da Universidade Estadual do Ceará, CE, fernando.carmo@aluno.br.

afro-brasileira como uma proposta para o ensino antirracista, cujo poema “Vozes mulheres” se encontra na obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, (2021), da Conceição Evaristo. Além disso, iremos debater sobre os questionamentos levantados pela autora, e professora Bárbara Carine, que em seu exemplar *Como ser um educador antirracista*, (2023), mostra como a escola é uma instituição ainda eurocêntrica e muitas vezes composta em sua maioria por funcionários brancos, trazendo impactos na realização da luta antirracista.

É importante salientar que mesmo após 21 anos da inserção da Lei nº 10.639/2003 que regulamenta o “estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional” (Brasil, 2003), os estudos sobre conteúdos afro-brasileiros e africanos ainda não fazem parte da realidade de diversas salas de aulas do país. Tanto escolas públicas quanto particulares não implementam esses estudos da forma devida. Um exemplo é o feriado de 20 de novembro, conhecido como “Dia Nacional da Consciência Negra”. As instituições, e até mesmo alguns professores, acreditam que esse mês é o único momento pertinente para tratar de relações étnico-raciais na escola, e debater sobre raça, etnia, preconceito, discriminação e branquitude.

Desse modo, fica evidente que a escola deve tratar dessa pauta ao longo de todo ano letivo, desde de disciplinas de humanas a de exatas, e em todos os níveis escolares, e, ao final do ano, no mês da consciência negra, fortalecer esse debate. Somente desse modo será construída uma educação antirracista e não eurocêntrica, e é perante essa crítica-reflexiva que nossa pesquisa nasce, a fim de apresentar um caminho para se trabalhar com pautas raciais no chão da escola.

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa e também exploratória, onde, por meio de dados bibliográficos (livros, pesquisas em sites, revistas etc.) foi possível analisar o que está sendo discutido a respeito do assunto. Assim, nosso principal objetivo é explorar o quê e como está sendo trabalhado o ensino antirracista na educação básica brasileira, e a partir disso apresentar novas alternativas para auxiliar professores nesse processo.

A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

O livro corpus deste artigo é o *Poemas da recordação e outros movimentos*, que foi lançado em 2008, por Conceição Evaristo. A obra mostra a poeticidade,

sensibilidade e maestria da escritora ao fazer inúmeras intertextualidades com textos conhecidos, trazendo reflexões críticas sobre a formação escravocrata do país, além de uma visibilidade às vozes femininas e um tom esperançoso, novos caminhos que foram e estão sendo abertos através de sonhos e da esperança dos antepassados do povo negro.

O lirismo presente nas obras de Conceição, principalmente em seu livro de poemas, é um recurso singular da escritora que brinca com as palavras, traçando neologismos, se opondo à sintaxe, com um foco central nas vivências e em dar visibilidade, deixando ecoar vozes ancestrais e memórias cheias de afeto, angústias, dores, esperanças que se movem em busca de novos lares. A escritora cresceu num meio repleto de histórias e de muitas memórias, assim, ao criar a *escrevivência* um de seus focos é o resgate dessa memória ancestral. A própria autora pontua isso no seguinte trecho:

A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita (Evaristo, 2009).

Em um ambiente rodeado por oralidade Conceição passou a recontar as histórias que ela ouvia em casa, por isso a linguagem usada pela escritora é a do cotidiano, isso também é um recurso estilístico que nos aproxima das narrativas da autora. A *escrevivência* foi o modo que a mesma encontrou de fazer resgates memorialísticos, dando visibilidade e resgatando a ancestralidade de mulheres negras. Essa palavra é a junção de *escrever* e *vivência*, mas escrever que *vivência*? A da própria autora? Sobre sua escrita, ela afirma que “A *escrevivência* não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Evaristo, 2022). Vivência e coletividade são palavras chaves para entendermos o conceito de *escrevivência*, pois essa escrita é criada a partir de um olhar crítico e empático com o coletivo.

A autora Bárbara Carine, em seu livro *Como ser um educador antirracista*, postula que “o antirracismo é uma categoria ocidental, não é afrocentrada” já que “categorias afrocentradas são atravessadas em sua constituição pela agência africana”, desse modo “a agência se relaciona com o modo de ser, estar, se relacionar, pensar e construir o mundo”. (Carine, 2023, p. 41). Com isso, vemos que o antirracismo é uma prática social que vai além de não só não ser racista, mas também o enfrentamento perante essa prática de forma ativa. Um exemplo de participação ativa à luta antirracista é visto comumente nos discursos e enfrentamento ao racismo, particularmente no futebol, pelo jogador brasileiro Vinícius Júnior. O jogador da “La liga” é frequentemente alvo de ataques racistas em países europeus, já tendo sofrido 21 ataques ao longo dos anos em

seu trabalho. Neste ano, o primeiro julgamento no futebol espanhol ocorreu, com mandato de prisão, multas etc.

Assim, é notório que aos poucos o mundo está adotando práticas antirracistas mais severas e punindo seriamente quem comete o crime de racismo³. É importante que existam políticas públicas consistentes para combater esse crime, pois a luta antirracista na sociedade reflete também na luta antirracista nas escolas.

Em uma entrevista concedida à TV PUC-Rio, no ano de 2017, Conceição fala abertamente sobre a *escrevivência* e sobre a literatura feminina. O entrevistador lança a ela a seguinte questão: "Como a senhora vê a mulher negra hoje inserida na literatura brasileira?" Dito isso a autora responde que:

[...] acho que se a gente for pensar na representação das mulheres negras na literatura brasileira nós vamos ver uma série de estereótipos que nem dá tempo de enumerar aqui [...] hoje, principalmente a partir de uma autoria afro-brasileira, a partir de uma autoria de mulheres negras, há um exercício até consciente de escolhas de elaboração dessa personagem [...] há um grande desejo de construir essas personagens negras de uma outra forma, colocar as mulheres no centro da cena, colocar sentimentos, colocar essas mulheres não somente numa sexualidade, porque isso marca muito essa representação da mulher negra, não só a representação literária, mas o imaginário então que a sociedade tem nas mulheres negras [...].

Para Conceição, antes a mulher negra na literatura era muito estigmatizada, atualmente esse cenário se modificou, graças à possibilidade das próprias autoras negras falarem delas mesmas, com isso novos caminhos foram se abrindo. Chimamanda Ngozi, autora nigeriana, afirma que não é a cultura que faz as pessoas, e sim as pessoas que a fazem, além disso, se uma sociedade de mulheres não faz parte dessa cultura, é preciso modificá-la. Com essa afirmação de seu livro *Sejamos todos feministas*, a escritora nos leva a refletir sobre a cultura machista que nos cerca, que impede que muitas mulheres estejam em locais de destaque e tenham suas vozes ouvidas.

Recentemente o Presidente da República alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que passou a incluir a obrigatoriedade de se aprofundar em experiências e abordagens femininas nos estudos do ensino básico, no ensino fundamental e ensino médio, criando assim a Semana de Valorização das Mulheres que Fizeram História na perspectiva escolar, nas mais diversas áreas do conhecimento. A lei agora é conhecida como Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024, na qual em seus artigos, além da Semana de Valorização inclui “aspectos da história, da ciência, das artes e da cultura do Brasil e do mundo, a partir das experiências e das perspectivas femininas [...]” (Brasil, 2024).

A lei entra em vigor a partir do ano que vem e é uma iniciativa crucial para valorização das mulheres, e também para instaurar discussões sobre as mulheres negras

³ A Lei 14.532/2023 equipara a injúria racial ao crime de racismo. Desse modo, a pena tornou-se mais severa, com uma reclusão de dois a cinco anos, multa, a fiança não vale mais, e é um crime imprescindível. “Segundo a legislação, deve ser considerada como discriminatória qualquer atitude ou tratamento dado à pessoa ou a grupos minoritários que cause constrangimento, humilhação, vergonha, medo ou exposição indevida, e que usualmente não se dispensaria a outros grupos em razão da cor, etnia, religião ou procedência” (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2022).

que costumam ser estudadas, refletindo sobre o espaço que elas ocupam, o modo como são representadas, etc. É notório a falta de reconhecimento feminino em algumas áreas, principalmente nas ciências exatas, fazendo um recorte racial a situação piora.

Um estudo feito pela “Revista Quero” debate sobre a importância da representatividade negra nas escolas, e alguns alunos comentam que a inserção dessa temática, nas mais diversas disciplinas, é feita de forma muito superficial. O estudante Gustavo Silva de Paula, de 19 anos, é morador de Sumaré, interior de São Paulo. Em uma conversa via vídeo cita algumas das principais referências negras que teve conhecimento através da sala de aula. Ele conta que:

No folclore, eu tive algumas imagens negras que eu ouvi sobre, como o Saci-pererê e o Negrinho do Pastoreio. Eu acho muito fantasioso, não é exatamente do meu mundo que eu estou falando. Eu não acho que eu fui muito bem representado por essas figuras, especificamente pelo Saci. Ele tem poderes, não é alguém em que eu possa me espelhar.

Aline, outra estudante, também sente a mesma angústia e fala que a escravidão é um tema importante a ser trabalhado, mas ainda há muito mais a ser dito. “Eles nunca mostravam o lado positivo da cultura afro-brasileira. Eu nunca ouvi falar da bonequinha Abayomi ou da Tereza de Benguela, eu só fui conhecer depois, procurando sozinha”, relata a adolescente. Tereza de Benguela, ou “Rainha Tereza”, foi uma líder do Quilombo de Quariterê que resistiu à escravidão por mais de 20 anos, ela viveu no século XVIII no Mato Grosso.

As indignações pontuadas pelos estudantes são essenciais e nos levam a refletir e criticar o sistema de ensino básico. Muito além do que a Lei 10.639/03 estabelece, uma *obrigatoriedade* de ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, é preciso trabalhar com essa temática no ambiente escolar porque somos humanos, e respeitar a diversidade faz parte da humanidade. Com esse respeito vem também o acolhimento para com o estudante que é de suma importância.

O acolhimento no ambiente escolar ajuda o aluno a se sentir não só pertencente como também visto, respeitado, muito além de somente como estudante, mas também enquanto criança/ adolescente negro, indígena, LGBTQIAPN +, etc. Dito isso, um levantamento feito pelo IBGE/ Pnad em 2019 revelou que, no Ensino Fundamental, 7 em cada 10 alunos negros finalizaram seus estudos, enquanto dos alunos brancos o percentual foi de 87%. No Ensino Médio a situação é ainda mais alarmante, somente 58,3% dos estudantes negros com 19 anos concluíram essa etapa, 17 pontos percentuais abaixo dos estudantes brancos. Esses dados fazem parte do levantamento do Anuário Brasileiro da Educação Básica, divulgado pelo portal Todos Pela Educação. Muitos desses adolescentes abandonam a escola para trabalhar, por falta de perspectiva de um futuro melhor, dentre outras questões. Para reverter esse cenário é necessário que o governo auxilie com políticas públicas de permanência escolar, como a recente implementada que os auxilia remuneradamente, o programa Pé-de-meia⁴.

⁴ O programa pé-de-meia é um incentivo financeiro educacional para os alunos matriculados no ensino médio público beneficiados pelo programa do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico). Ao comprovar a matrícula e a frequência escolar, o estudante recebe um valor de R\$ 200 mensal que pode

No entanto, a permanência escolar de jovens ainda é um problema. Por isso, trabalhar a autoestima, o acolhimento através de um olhar atencioso sobre a representatividade de personalidades negras é mais do que necessário no contexto atual que vivemos, para que assim com o resgate memorialístico e ancestral afro diaspórico os estudantes sintam-se pertencentes à comunidade escolar e tenham percepções positivas de si mesmo, além da capacidade de analisar o mundo criticamente e refletirem sobre a colonização dos povos da América do Sul, como também fazer estudantes brancos refletirem sobre sua branquitude e admirarem pessoas negras, sendo acostumados a as verem em posições de poder. Por isso, para além da representatividade no material didático, é importante que no quadro de funcionários das escolas possua pessoas negras em seus cargos principais, e não apenas em situações de subalternidades, em cargos que costumam ser invisíveis no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carine (2023, p.41) afirma que “não é possível não ser racista em um país estruturalmente racista”. Dito isso, a prática antirracista fica ainda mais difícil de ser concretizada na sociedade, por conta de um sistema todo composto e projetado para a perpetuação de práticas discriminatórias contra minorias étnicas. Mediante esse fato é importante destacar que o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, e ainda a forma como foi feita, por intermédio de diversas leis que somente aos poucos garantiam direitos e uma vida digna para a população escravizada, nos indica a falta de preocupação e também contribuiu para a estigmatização do povo negro como sujeitos que representam a subalternidade até os dias atuais.

A Escola Afro-brasileira Maria Felipa, fundada pela professora Bárbara Carine, surgiu em 2017 na Bahia com uma angústia latente de uma mãe em busca de não só uma boa escola para sua filha, como uma escola que reconhecesse a importância das constituições ancestrais e não apenas europeias, bem como reconhecesse a forte influência ameríndia e africana na nossa formação.

Perante essa indignação, ela se juntou à comunidade escolar Maria Felipa e, a partir dessa busca por mudanças no cenário da educação, a escola surge, com diversas pautas, e um foco no letramento racial de todo corpo que trabalha na escola, desde professores, cozinheiros, dentre outros. Além disso, há um foco nas questões de gênero, classe, sexualidade, bem como na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em si,

ser sacado a qualquer momento. Esse benefício visa promover a erradicação do abandono escolar que assola o país principalmente nessa última etapa de ensino.

tudo isso foi necessário para formação dos educadores e o desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da escola.

As escolas, enquanto instituições, precisam urgentemente tratar os conflitos raciais e sexuais, para que assim o racismo institucional e estrutural possa de fato ficar no passado e as escolas se tornarem um local de afeto, que tenha representatividade, acolhimento para com a diversidade, e exista ali uma prática constante de luta antirracista.

Assim, cabe ressaltar a importância de obras como: *Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula*, que oferece um excelente material metodológico com diversos planos de aulas, mini biografias de autores, textos de apoio e diversos outros recursos excelentes para práticas na sala de aula, tanto no Ensino Fundamental anos iniciais e finais, quanto no Ensino Médio. A atividade proposta que iremos trabalhar para uma prática antirracista é a Sequência Didática 8, onde aborda uma introdução à poesia afro-brasileira com diversas autoras, entretanto, nosso foco será na Conceição Evaristo. Na tabela a seguir tem-se uma explicação sobre a aula.

Tabela 1- Modelo de Plano de Aula	
Anos	7º ao 9º
Ementa	Esta sequência pretende apresentar uma introdução aos estudos sobre a poesia afro-brasileira. Faremos um panorama literário e estético em torno do tema central.
Descritores	Procedimentos de leitura D1. Localizar informações explícitas em um texto. D2. Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
Objetivos	Introduzir os estudos sobre a poesia afro-brasileira. Incentivar a leitura de poesias afro-brasileiras. Compreender e interpretar textos e intertextualidade.

fonte: Duarte, 2014 (adaptado).

Inicialmente o plano indica ao professor a leitura de artigos teóricos de autores negros que proclamam uma literatura afro-brasileira, ressaltando sua africanidade e suas origens, além de um panorama geral sobre a poesia afro-brasileira das últimas décadas. Após as leituras é mostrado um esquema a ser trabalhado em sala de aula, no quadro, como: o tema, a voz poética, ritmo, rima e disposição em versos serão trabalhados, bem

como é preciso debater sobre a temática do negro (suas tradições e/ou desafios), o olhar crítico, ponto de vista do negro e a poesia afro-brasileira. Em seguida, o plano pede cópias de um conjunto de explicações sobre elementos da poesia, como: a poesia, poema, verso, eu lírico, dentre outros

As cópias deverão ser bem explicadas e debatidas com os alunos, pois irão auxiliá-los a interpretar e compreender o poema. A próxima parte é a leitura do poema “Vozes mulheres”, da Conceição Evaristo, o professor deve novamente utilizar cópias para melhor aprofundamento aos textos. Depois da leitura os alunos devem preencher a ficha de leitura a seguir para uma discussão e depois há uma atividade.

Tabela 2- Fichamento de leitura			
Tema: Autor(a):			
Data de publicação:			
Temática/ assunto principal	Rimas, cadência e ritmo	Visão crítica	Elementos da cultura negra

fonte: Duarte, 2014 (adaptado).

Finalizado o preenchimento da ficha o professor deve promover um debate para análise das fichas de leituras. E, por fim, a atividade final propõe algumas questões que falam acerca do poema. O poema a ser trabalhado na atividade do livro é o posto a seguir:

Vozes mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2021, p.24 e 25)

O poema traz uma reflexão sobre as vozes femininas de uma família e como cada voz ecoa e existe no mundo, a luta individual e coletiva que ressoa desde a voz da bisavó que estava no navio (voz afrodiaspórica), a voz da avó que reflete a obediência aos brancos, a voz de uma mãe em condições de trabalho subalternas, a voz do eu lírico que traz rimas e por fim finalmente a voz de esperança, e de liberdade, a voz da nova geração que é a filha do eu lírico e vai recolher todas as outras vozes.

Com essa reflexão, Conceição nos mostra a importância de reconhecer e compreender a ancestralidade, assim sendo possível também analisar a identidade e como ela é construída até os dias atuais no nosso país.

A atividade final a ser feita em sala de aula possui algumas questões de análise e interpretação textual para que os alunos possam refletir criticamente sobre o texto. Também há sugestões de formas avaliativas para verificar o aprendizado dos alunos. Esse plano de aula é uma excelente oportunidade de apresentar a poesia afro-brasileira aos estudantes e também trazer autores que provavelmente os alunos não conheciam, bem como questioná-los sobre os tipos de poemas que eles leem, caso tenham contato com esse gênero. Além de tecer reflexões sobre os gêneros e as raças dos autores que eles têm contato e que costumam ser trabalhados na escola, debatendo sobre a importância de leituras plurais não só nas narrativas, como também na própria autoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste presente artigo foi retomar questões de extrema relevância para o âmbito educacional, no que diz respeito à prática de ensino antirracista, como ser um educador antirracista e, não menos importante, abordar aspectos sobre a desigualdade social brasileira e seus impactos na educação, sobretudo de jovens negros. Buscamos argumentar com base principal os escritos de Conceição Evaristo, através da sua obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, bem como o livro de Bárbara Carine *Como ser um educador antirracista*, e o modo para de fato pôr a prática antirracista em sala ficou a cargo da obra *Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula*, de Eduardo de Assis Duarte.

Desse modo, é importante destacar a educação enquanto um instrumento que deve ser emancipatório e crítico-reflexivo. Deve-se lutar, portanto, com todos os meios e contra todas as artimanhas elaboradas pela classe dominante, para assim, ser possível desenvolver uma educação que seja, de fato, inclusiva para todos, com viés antirracista. Por fim, é importante mencionar a célebre passagem do Karl Marx (1818), no seu livro 1 de *O capital* (1867), em que é exposto que “O trabalho de pele branca não pode se emancipar onde o trabalho de pele negra é marcado a ferro”. Sendo, portanto, necessário a emancipação de toda a classe trabalhadora desse processo desigual.

Mediante a discussão apresentada, foi visto que se a sociedade como um todo não tratar o racismo como preconceito, e o crime que de fato é, a luta antirracista será

cada vez mais difícil, cada vez menos debatida e pouco refletida, não alcançando espaços que deve chegar, principalmente no ambiente escolar. Pois, é na escola que há o primeiro contato de crianças e adolescentes com outros sujeitos distintos de seu lar familiar, sendo esse espaço então a percepção do diferente, é de suma importância que o corpo escolar tenha metodologias para lidar com as plurais situações. Dessa forma, esperamos ter cumprido o objetivo proposto outrora citado e ajudar na contribuição crítica-reflexiva no que norteia a educação.

REFERÊNCIAS

ACS. **Injúria Racial = Racismo**. TJDF, 21 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/injuria-racial-racismo>>. Acesso em: 14 out. 2024.

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015. 43 p. *E-book*.

BRASIL. **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan.2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. **Lei no 14. 986**, de 25 de setembro de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País. 25 set. 2024. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14986&ano=2024&ato=6e1o3Y65ENZpWT0fe>>. Acesso em 02 out. 2024.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 135 p. *E-book*.

DUARTE, Eduardo (coord.). **Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 264 p.

EVARISTO, C. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 9 set. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Malê, 2021. 124 p.

G1 GE, redação do. **LaLiga atualiza situação de 21 casos de racismo contra Vini Jr.;** veja outros. Disponível

em:<<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2024/06/10/laliga-atualiza-situacao-de-21-casos-de-racismo-contravini-jr-veja-outros.ghtml>>. Acesso em: 18 set. 2024.

GOV. **Pé-de-meia**. GOV. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/pe-de-meia>>. Acesso em: 3 out. 2024.

HERMINIO, B. **A escrevivência carrega a escrita da coletividade**, afirma Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 16 set. 2024..

MARX, Karl. **O CAPITAL: Crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital**. 3. ed. SÃO PAULO: Boitempo, 2023.

PUC-RIO, T. V. TV PUC-Rio: **A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8&t=18s&ab_channel=TV_PUC-Rio>. Acesso em: 09 set. 2024.

QUEM SOMOS – **Escola Maria Felipa**. Disponível em: <<https://escolamariafelipa.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

VIEIRA, L. P. **A importância da representatividade negra nas escolas e o longo caminho a ser percorrido**. Revista Quero, 20 nov. 2020. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/revista/a-importancia-da-representatividade-negra-nas-escolas-e-o-longo-caminho-a-ser-percorrido>>. Acesso em: 3 out. 2024.